

1915

Sexta-feira, 1 de Janeiro

Os sinos de Ano Novo mantiveram-nos acordados ontem à noite. De início pensei que tocavam por uma vitória.

Sábado, 2 de Janeiro

Este é o género de dia que, feitas as contas, se fosse possível escolher um padrão médio da nossa vida, eu escolheria. Tomamos o pequeno-almoço; tenho uma entrevista com Mrs. Le Grys¹. Ela queixa-se dos enormes apetites dos belgas e da preferência deles por comida frita em manteiga. Se eles comem assim no exílio, quanto comerão em casa?, pergunta-se ela. Depois disto, o L. e eu sentamo-nos ambos a escrever. Ele acaba a sua recensão aos Contos Populares e eu escrevo umas 4 páginas da história da pobre Effie²; almoçamos; e lemos os jornais, concordamos que não há novidades. Leio *Guy Mannering* lá em cima durante 20 minutos; e depois levamos o *Max* a passear³. A meio do caminho para a ponte, vimo-nos interceptados pelo rio, que subiu visivelmente, com um pequeno fluxo e refluxo, como o pulsar de um coração. Uma das coisas singulares nos subúrbios é que as casinhas vermelhas mais inferiores estão sempre arrendadas, e que nenhuma delas tem uma única janela aberta, ou uma janela sem cortinas. Suponho que as pessoas têm um grande orgulho nas suas cortinas e que há uma grande rivalidade entre os vizinhos. Uma casa tinha cortinas de seda amarela, listradas, com inserções de renda. As divisões no interior devem estar na semiobscuridade; e fedem, imagino, com o cheiro a carne e seres humanos. Creio que ter cortinas é um sinal de respeitabilidade. E depois fiz as minhas compras. A noite de sábado é a grande noite das compras; e alguns balcões são assediados por três filas de mulheres. Escolho sempre as lojas vazias, onde suponho que se paga meio dinheiro a mais

por libra. E depois tomámos chá, com mel e natas; e agora o L. está a bater à máquina o seu artigo; e passaremos todo o serão a ler e vamo-nos deitar.

Domingo, 3 de Janeiro

É estranho como velhas tradições, que se pensava há tanto tempo enterradas, subitamente voltam a surgir. Em Hyde Park Gate⁴, costumávamos reservar as manhãs de domingo para limpar os talheres de prata. Aqui, dou por mim a guardar a manhã de domingo para trabalhos avulsos; hoje foi escrever à máquina; arrumar o quarto; e fazer contas, que esta semana são muito complicadas. Tenho três saquinhos de dinheiros, e cada qual deve ao outro um tanto. À tarde, fomos a um concerto no Queen's Hall⁵. Tendo em conta que os meus ouvidos estiveram virgens de música durante algumas semanas, penso que o patriotismo é uma emoção básica. Quero com isto dizer que eles tocaram o Hino Nacional e outro hino, e tudo o que consegui sentir foi a total ausência de emoção em mim e em todos os mais. Se os britânicos falassem abertamente de retretes e cópula, talvez então pudessem ser excitados pelas emoções universais. Tal como sucede, um apelo à comunhão de sentimentos fica irremediavelmente perturbado pela interferência de sobretudos e casacos de pele. Começo a detestar a minha classe, principalmente ao olhar-lhes para as caras no metropolitano. Realmente, dá-me mais prazer contemplar carne vermelha crua e arenques prateados. Mas, depois, fiquei 40 minutos à espera, em pé, na estação de Charing Cross, pelo que cheguei tarde a casa e não encontrei o Duncan⁶, que veio cá. Além do mais, Londres, agora, num domingo à noite, com todos os seus globos eléctricos meio amortecidos com tinta azul, é o mais soturno dos lugares. Há extensas ruas cor de lama, e luz do dia mesmo à justa e luz eléctrica insuficiente para ver o céu nu, que é inexprimivelmente frio e monótono.

Segunda-feira, 4 de Janeiro

O Philip⁷ veio depois de almoço, pois tem 4 dias de licença. Está absolutamente farto da vida de soldado — contou-nos histórias de estupidez militar inacreditáveis. O coronel diz: “Gosto de jovens bem vestidos — cavalheiros”, e elimina recrutas que estão abaixo deste nível. A juntar a isto, a necessidade de cavalaria na frente está esgotada, pelo que irão ficar provavelmente em Colchester para sempre. Mais outro dia escuro e chuvoso. Um avião sobrevoou-nos.

Terça-feira, 5 de Janeiro

Trabalhámos como de costume: como de costume, choveu. Depois de almoço, fomos apanhar ar no Old Deer Park, e verificámos por um fio de palha a altura a que o rio estivera. Três corpos foram vistos ontem, em Teddington, vogando velozmente rio abaixo. Será que o tempo instiga ao suicídio? O *Times* traz um artigo estranho sobre um choque ferroviário, onde diz que a guerra nos ensinou um justo sentido das proporções no que diz respeito à vida humana.⁸ Eu sempre pensei que lhe atribuímos um valor absurdamente elevado; mas nunca pensei que o *Times* o dissesse. O L. deslocou-se a Hampstead para dar a primeira das suas conferências para a Guilda das Mulheres⁹. Não parecia nervoso: está neste momento a falar. Os belgas do andar de baixo estão a jogar às cartas com uns amigos, e falam, falam, falam, enquanto o seu país é destruído. Afinal de contas, não têm mais nada que fazer.

Quarta-feira, 6 de Janeiro

O L. saiu às 10 da manhã para dar a sua segunda conferência em Hampstead. A primeira foi um grande êxito, como eu sabia que seria. Ele considera as mulheres muito mais inteligentes do que os homens; em certos aspectos, demasiado inteligentes, e por esse motivo com tendência para não verem o cerne da questão. Tem outra para dar esta tarde, portanto, irá ficar por Hampstead, almoça com a Lilian e talvez se encontre com a Janet.¹⁰ Ninguém a não ser uma pessoa muito modesta trataria estas mulheres trabalhadoras, e a Lilian, a Janet e a Margaret, como ele trata. O Clive¹¹, ou certamente qualquer outro rapaz inteligente, armarse-ia em importante; e, por muito que as admirasse, fingiria que não.

Escrevi toda a manhã, com infinito prazer, o que é estranho, porque sei o tempo todo que não há razão para ficar satisfeita com o que escrevo, e que daqui a 6 semanas, ou mesmo dias, irei odiá-lo. Depois, fui a Londres e, no Gray's Inn, pedi informações sobre apartamentos. Tinham um tipo livre; e eu imaginei imediatamente toda a espécie de encantos e introduzi-me neles com um frêmito de excitação. Mas seriam perfeitos para um e impossíveis para dois. A seguir vi um apartamento em Bedford Row, que era divinamente prometedo, mas, quando perguntei aos agentes, foi-me dito que tinham acabado de receber instruções para só o arrendar mobilado. E agora, obviamente, fiquei convencida de que não há um apartamento em Londres que o iguale! Poderia vaguear pelas ruas escuras de Holborn e Bloomsbury durante horas. As coisas que se vê — e as que se adivinham — todo esse tumulto e confusão e azáfama... Agora tenho de decidir se volto a Londres, para uma festa em Gordon

Square, onde as Aranyi irão tocar.¹² Por um lado, evito ter de me arranjar, mais a viagem; por outro, sei que ficaria inebriada com a primeira cintilação de luz no átrio e o burburinho das vozes, e decidiria que não há nada na vida que se compare a uma festa. Veria gente linda e teria a sensação de estar na crista mais alta da maior das ondas — mesmo no centro e na vertigem das coisas. Por outro lado ainda, e finalmente, os serões aqui a ler, junto à lareira — a ler Michelet e *O Idiota*¹³, a fumar e a conversar com o L., no que isso significa de chinelos e roupão — são também divinos. E como ele não insistirá para que eu vá, sei muito bem que não irei. Além disso, há a vaidade: não tenho roupa para lá entrar.

Quinta-feira, 7 de Janeiro

Não, não fomos à festa de Gordon Square. O Leonard voltou muito tarde, e chovia; e, realmente, não queríamos ir. As conferências foram um grande êxito. Saí hoje depois do almoço, primeiro para ir ao Foundling Hospital, perguntar se nos deixariam ficar com a casa de Brunswick Square — ou metade dela; depois, para ir às Omega¹⁴ para comprar um xaile a Janet e, depois, tomar chá com Janet. Brunswick Square está já praticamente arrendada a um funcionário público reformado de Ceilão, chamado Spence, que, no entanto, pode estar disposto a arrendar os dois andares de cima, o que para nós serviria muito bem. Eu, é claro, comecei a ficar obcecada com a paixão de possuir Brunswick Square. Quando saí, estava a chover. Todavia, fui a pé às Omega e comprei as minhas coisas a uma jovem mulher louca numa túnica pós-impressionista. Fui a Hampstead e depois deixaram-me subir para ver Janet. Está de cama, e vai ter de ficar na cama durante semanas. Os nervos dela estão em muito mau estado. Não consegue ler nem fazer nada. Posso adivinhar como se sente e como deve ficar muitas vezes infeliz. Todavia, está treinada para ser corajosa, e é tão altruísta por natureza que se interessa realmente pelas outras pessoas. Falámos sobre o Leonard, a Lily, a vida em Londres e os poemas de Hardy que ela não consegue reler — melancólicos e sórdidos de mais — e cujos temas não são suficientemente interessantes. Eu não concordo. Fez-se tarde; e ela sugeriu que eu jantasse ali e que fosse com o L. ao debate sobre a paz na Guilda das Mulheres. Eu não podia pensar em jantar, portanto, retirei-me para a Biblioteca Pública. Pelo caminho, apanhei uma das piores cargas de água em que alguma vez me vi metida. Os meus sapatos chiavam tanto de encharcados enquanto caminhava na biblioteca, que me sentia envergonhada. Depois, jantei numa casa de pasto para cocheiros — o único sítio para jantar e muito bom. Rústico, mas limpo e sóbrio. Às 8, encontrei-me com o L. no n.º 28 de Church

Row. As salas são velhas salas brancas apaineladas; uma estava cheia de trabalhadoras. Foi reconfortante (depois de ler mais cartas terríveis sobre partos¹⁵) ver como riem ruidosamente, como rapariguinhas da escola. Foi muito bom. As mulheres impressionantes, como de costume — porque parecem sentir e possuir um enorme sentido da responsabilidade.

Sexta-feira, 8 de Janeiro

Fui aos Chancellors¹⁶, para perguntar se havia algumas novidades sobre [a casa de] Hogarth. De início, o homem disse que não. Quando lhe fiz saber que seria possível que arrendássemos uma casa em Londres, confessou logo que estivera por duas vezes com a locatária actual e que ela não gosta da casa. Isto é inventado e, se não é, haverá alguma boa razão para que não goste dela? Parece provável termos de escolher entre Brunswick e Hogarth — a não ser que ambas nos falhem.

Sábado, 9 de Janeiro

Às duas da manhã de hoje, várias barcaças atracadas no rio soltaram-se. Uma chocou contra a Ponte de Richmond e deitou abaixo uma boa parte da pedra de um dos arcos. As outras afundaram-se ou foram à deriva rio abaixo. Menciono tudo isto porque, esta tarde, reparámos na ponte danificada ao darmos uma volta a pé até Kingston. Foi um óptimo passeio. Os campos cor de púrpura nos arredores de Kingston lembraram-me por algum motivo Saragoça. Há uma aparência estrangeira numa cidade que se ergue contra o poente e a que se acede por um carreiro muito trilhado através do campo. Pergunto-me porque sentimos instintivamente que se está a fazer um elogio a Kingston ao dizermos absurdamente que se parece com uma cidade estrangeira. No caminho, à beira-rio, encontramos e tivemos de passar por uma longa fila de imbecis. O primeiro era um jovem muito alto, esquisito o suficiente para o olharmos apenas duas vezes, mas não mais; o segundo arrastava os pés e olhava de lado; e, depois, apercebíamos-nos de que cada um, nessa longa fila, era uma criatura idiota, miserável e deficiente, a arrastar os pés, sem testa ou sem queixo, e um esgar imbecil, ou um olhar fixo, selvagem e desconfiado. Foi perfeitamente horrível. Deviam inquestionavelmente ser mortos.

Domingo, 10 de Janeiro

Estava eu sentada esta manhã a escrever à máquina quando ouvi baterem à porta; e alguém, que a princípio pensei ser o Adrien, apareceu; era, porém, o Walter Lamb¹⁷, que estivera com o rei. Sempre que visita o rei vem dizer-nos. Insistiu que fôssemos dar um passeio com ele em Rich-